

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

AS MARGENS DA ALMA.....	13
A Margem Lusitana.....	13
A Margem Perigosa.....	14
A Margem Direita.....	16

CAPÍTULO I

INICIAÇÃO MISTÉRICA E INICIAÇÃO FALHADA.....	17
A Iniciação Mistérica.....	20
As Iniciações Falhadas	27
A Iniciação Virtual	29
Metamorfose e Contra-Iniciação	31
O Degolamento Mágico.....	37
A Fórmula Leary	40
O Chamado dos Ancestrais	43
O Mistério do Sangue	46
A Linhagem Ancestral	47

CAPÍTULO II

A TUMBA DE ARVS E A INICIAÇÃO GUERREIRA.....	53
O Tempo e a Eternidade.....	55
As Tumbas de Ressurreição	57
O Menino e a Corça	59
A Serpente e a Tumba	62
A Via do Guerreiro	63
Os <i>Lucillos</i> da Iniciação	67
Sepultamento e Transfiguração	70
O Génio e o Ancestral.....	72

CAPÍTULO III

O MISTÉRIO INFERNAL DE SERÁPIS.....	75
Os Lapiteas, o Povo da Serpente.....	77
De Enki a S. Cristóvão	79
O Culto Serápico de Panóias.....	80
As Fragas Mistéricas de Panóias.....	81
O Infernal Serápis	83
O Bastão dos Mortos	86
Iniciação e Sacrifício.....	87
O Sangue e o Sonho.....	88
Um Itinerário Mistérico	89

CAPÍTULO IV

ENDOVÉLICO: O DEUS NEGRO DO AVERNO	93
A Velha e a Nova Demanda	96
O Apelo do Sangue e da Terra	99
O Santuário Salutífero e o Santuário Salvífico	101
O Senhor do Submundo	105
Santo Antão, a Falsificação Cristã de Endovélico	108
O Significado Iniciático de Endovélico.....	111
O Javali e a Palma	117
A Pomba de Saturno	120
<i>Nox Umbra</i>	121
O Cálice do Sol Negro	125
Phosforos e Tânatos	128
O Cristo Negro e a Serpente	131

CAPÍTULO V

ATAECINA E A TUTELA AGRÁRIA DO SUBMUNDO	135
Epítetos e Teónimos	138
O Homem da Noite.....	139
O Culto aos Bons Mortos	141
Ceres Ataecina.....	143
As Duas Prosérpinas	147
A Senhora Velada.....	150
A Cabra e o Tridente.....	153
Santa Luzia e a Luz de Berchta	158



INTRODUÇÃO

AS MARGENS DA ALMA

*“Quando Osíris tiver definitivamente desaparecido do Ocidente
então Seth de novo se manifestará sobre esta terra no Axis Mundi.”*

JEAN ROBIN

A MARGEM LUSITANA

Os Deuses Lusitanos, depois de um longo adormecimento e um vacilante despertar pela intrépida coragem de muitos historiadores e arqueólogos antigos e modernos, desde Leite de Vasconcelos e Mendes Correa até figuras incansáveis e actuais como Manuel Calado, estão de novo a emergir. Para quem leu o primeiro capítulo do meu último livro na Zéfiro¹, com a serenidade e a receptividade intelectual necessária e sem preconceitos, perceberá que o Paganismo tem surgido como designação para um conjunto de impulsos iniciáticos que vêm das profundezas remotas não só da nossa alma como da nossa história ante-cristã. Como num *mala*, o rosário hindu e budista, o Paganismo é constituído por um ilustre filão de Antepassados, heróis e deuses, artistas e poetas, etnólogos e esoteristas. Os Deuses Lusitanos erguem-se agora não propriamente como fantasmas de uma saudade serôdia, como tem sido prática entre nós pela voz das várias carpideiras da tradição saudosista, mas pela palavra inspirada de hinos e arpejos dos nossos vates e a palavra serena de romances e ensaios, que têm ajudado a este renascimento.

O livro que têm agora nas mãos tem este objectivo, com a diferença que ele pretende pela primeira vez ir ao fundo da nossa alma colectiva, ao cerne subterrâneo do antigo existir iniciático entre o povo Lusitano. Uso aqui a expressão Lusitano, contudo, como um mero paradigma de

¹ Lascariz, Gilberto. (2008). *Ritos e Mistérios Secretos do Wicca*. Zéfiro.



ordem poética e mitológica que subjaz eternamente na nossa alma colectiva portuguesa e na sua acepção de Luz, a Luz Antiga dos Mistérios. Não a uso na perspectiva territorialista, tribalista e nacionalista, confinações políticas e antropológicas que intelectualmente desprezo como contingentes e superficiais. Sendo um livro no quadro do que denominaria Mistérios do Paganismo Étnico, para utilizar a expressão cunhada por Christian Bouchet², minha intenção era também formular perspectivas novas sobre algumas divindades gentílicas que tanto nos seduziram ao longo do passado século XX. Entenda-se estas perspectivas como um olhar e um sentir que é apenas de índole esotérica, isto é, advindo do interior, de dentro da alma, tal como a expressão *esôteros* sugere. Como J. Marquès-Rivièrentendia, a palavra esoterismo tem raízes nessa percepção suprasensível que *vem de dentro* e de quem *está dentro* (*eisothêo*), dos Mistérios, entenda-se³. É assim que o entendo, também!

Grande parte das visões, intuições e posteriores ilações sobre os *Numini* e *Locus* de santidade pagã que aparecem neste livro nasceram nos próprios lugares quando os visitei, sendo inspiradas pelos impulsos secretos da minha própria Tradição Iniciática. Visitei de olhos *abertos*, através dos olhos multifacetados de Melek Taus, todos esses lugares de santidade gentílica de que vos falo e trago-vos aqui, finalmente, os ecos e as sombras do que *vi* e *escutei*. Porque as palavras são sempre as sombras matizadas do que a alma perscruta. Gostaria de acrescentar que não pretendo, por isso, substituir-me aos historiadores e arqueólogos, por muito que me baseie em factos da sua proficiência intelectual. A minha voz e os meus olhos vêm *de dentro* enquanto o seu pensamento e a sua voz nascem dos mananciais de conhecimento que vêm de fora, dos factos e artefactos medidos, comparados e racionalmente determinados.

A MARGEM PERIGOSA

O primeiro capítulo fez parte do manuscrito original do meu livro *Ritos e Mistérios Secretos do Wicca*, que então retirei por uma questão de excessivo volume da obra. Ele foi encurtado, reescrito e integrado neste volume. Os outros capítulos foram sendo escritos ao longo de anos, uns

² Christian Bouchet. (2003). *Le Néopaganisme*. Paris: Éditions Pardès.

³ Marquès-Rivièrentendia, a palavra esoterismo tem raízes nessa percepção suprasensível que *vem de dentro* e de quem *está dentro* (*eisothêo*), dos Mistérios, entenda-se³. É assim que o entendo, também!



popular uma nítida relação subtextual entre signos religiosos arcaicos associados à morte e à serpente, no quadro de uma expectativa de renascimento físico e espiritual! Nos tempos inaugurais do Cristianismo, os peregrinos irlandeses passavam a noite em lugares sagrados, deitados em ataúdes de pedra para fazerem penitência e, num sentido mais profundo, de vivência pela incubação da passagem transformativa do portal da morte em vida. Tom Cowan declara que alguns académicos pensam que as bacias funerárias de Newgrange teriam tido também essa função³⁹. Trata-se, então, de uma praxis funerário-iniciática que já tem as suas origens nos tempos profundos do Neolítico e do Megalitismo! A necrópole é, por excelência, o santuário onde se busca a Iniciação e a Iluminação. A Iniciação não é possível sem a passagem consciente pelo território da Morte e o regresso do Submundo no estado de Iluminado e Transfigurado pelo Conhecimento.



Ara de Arus segundo Leite de Vasconcelos

A VIA DO GUERREIRO

Uma das estranhas relações dos sepulcros é a sua relação mágico-religiosa com ritos de passagem e ritos de iniciação guerreira. Isso é bem explícito num sepulcro enigmaticamente escavado na margem da Ribeira do Boi, em Panchorras, Pega. Aí podemos ver um rochedo com uma dupla sepultura, como é tradicional nas necrópoles visigóticas,

³⁹ Cowan, Tom. (1993). *Fire in the Head, Shamanic and Celtic Spirit*. San Francisco: HarperSan Francisco.



do meio, a maior de todas, é a de um Lião, à sua direita ergue-se a cabeça graciosa e feroz de um Cão e, à sua esquerda, o pescoço termina na cabeça de um Lobo enraivecido. Todos os três animais estão unidos pelas dobras de uma serpente cuja cabeça retorna ao lado direito do Deus que conserva o monstro dominado.”

MACROBIUS, *Saturnália*, (1.20.13)

O BASTÃO DOS MORTOS

Sendo uma hipóstase de Hades, Serápis tinha relações profundas com a Serpente. Essa relação é ambivalente, desenvolvendo-se não só na sua função asclepiana, em que assume os atributos de Deus curador com muito sucesso, sobretudo dos olhos, o que não deixa de ser indicativo da sua função de Cura Mistérica, mas também na sua função plutoriana de senhor da fertilidade terrestre e Deus dos Mortos e do Além. Ele reúne em si mesmo a dupla realidade essencial do universo: a de ser senhor da Vida e da Morte, mas também o Senhor da Visão Mistérica. Não deixa, assim, de ser compreensível que Serápis tenha tido conhecidos vínculos com os cultos iniciáticos a Mítra.

Na sua mão esquerda Serápis ergue o bastão infernal de Hades, o Aion em grego, tão celebrado nos Mistérios de Eléusis e nos Mistérios a Mítra. Este bordão do caminhante por entre os mundos é, ainda hoje, usado entre os bruxos tradicionais europeus sob a forma da *furka*, ligando dessa maneira a sua linhagem aos Mistérios do Deus das Profundezas, no seu aspecto de divindade simultaneamente funerária e agrícola.

Símbolo da Terra dos Mortos, sobretudo dos Mortos Transfigurados, isto é, dos Iniciados aos Mistérios da Luz da Profundezas, este bastão de duplo galho ergue-se nas encruzilhadas do espaço e do tempo como lugar onde o neófito sacrifica a sua profanidade e transfigura a sua divindade. É a Árvore do Mundo onde se auto-sacrifica Herne e Odin, Prego do Cosmo e Pilar de Ferro à volta do qual giram as



Serápis Helénico



Ia-se a um santuário para pedir saúde para si ou alguém querido em situação de grave doença ou penúria. Mas podia tomar-se os caminhos tortuosos para receber uma purificação e o mérito espiritual, necessários para ser bem recebido no Outro Mundo. Não se ia a esses lugares para adoração através de uma sua imagem consagrada, mas ia-se à residência da divindade que ficava nesse lugar e era visível e inteligível nas formas da sua paisagem. Uma forma de tratamento curioso de Endovélico é, por isso, de Númen, o nome dado a determinados espíritos do lugar, aqueles que hoje conhecemos na literatura teosófica por Devas. Numa inscrição lê-se o seguinte:

*DEO ENDOVELLICO, PRAESENTISSIMI
AC PRAESTANTISSIMI NUMINIS*

DEUS ENDOVÉLICO, GÉNIO AQUI
PRESENTE E MUITO PRESTATIVO

Os Númen não eram conhecidos como forças individualizadas e transcendentais ao espaço como os Deuses, mas como forças divinas telúricas, próprias de um determinado lugar. A palavra vem de *numina*, da qual veio a expressão numinoso, e explica bem o sentimento de força, respeito e, por vezes, de pavor, que se sentia em determinados lugares habitados por esses Génios Divinos. Por isso, uma das suas representações numa ara assemelha-se à de Phosphorus, com asas imponentes. O seu poder era sentido de forma directa e palpável na paisagem. Para isso era-se capaz de sacrificar o conforto e a conveniência do horizonte fechado do viver humano e partir pelos caminhos difíceis da colina e da frágua, peregrinar numa experiência de abertura ao infinito.

Peregrinar é cruzar as fronteiras da nossa situação contingente e conformada de vida e procurar, pela ruptura de um acto meditativo em movimento, acercar-se de um lugar “entre os mundos”, onde se pode ser tocado pelo sagrado. Em sânscrito a palavra para peregrinação é *tirtha*, cruzar. Cruzam-se as fronteiras do nosso mundo profano com actos solenes de violenta ruptura através de uma sincera imersão na Natureza, podendo entrar-se, assim, na esfera numinosa e selvagem do Sagrado. Levam-se oferendas das primícias da terra, cânticos e louvores aos

